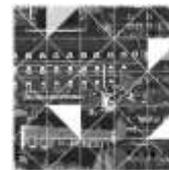

CIDADES, Comunidades e Territórios



Antes do recomeço: a cidade nas revistas *Arquitectura* e *Binário*

Rui Seco¹, Escola Universitária das Artes de Coimbra, Portugal.

Resumo

Como se processava o debate disciplinar sobre a cidade, que informava a grande expansão urbana em Portugal, antes e depois da revolução de Abril de 1974? De que modo se discutiam a arquitectura e o espaço urbano, quando a falta de habitação era um problema premente, e na Europa se questionava já a cidade produzida no pós guerra?

As questões expostas estabelecem o quadro de desenvolvimento de uma pesquisa realizada a partir das duas publicações especializadas de grande divulgação no país na época abordada, as revistas *Arquitectura* e *Binário*, incidindo sobre o modo como se processavam o debate, a teorização e a exposição de ideias, que neste texto é sinteticamente apresentada.

A temática abordada é entendida como relevante pela sua relação com a prática da transformação da cidade portuguesa, mais do que pela definição de um corpo coerente ou estruturado de ideias, pela organização de diferentes linhas de pensamento ou pela inovação das abordagens. Importa por isso entender o que e como se debatia ou se apresentavam ideias, isto é, como se definia o contexto no qual se desenvolvia o projecto, se desenhava o espaço urbano e o edifício.

O momento novo do pós-revolução, em particular, em que toda a organização da sociedade era questionada e todas as possibilidades pareciam em aberto, inteiras e limpas, constituía um recomeço também para os arquitectos, empenhados em criar o suporte físico para a nova época e a nova sociedade. As reflexões, ideias, modelos ou teorias de que se socorriam para fundamentar o desenho, ante a urgência do momento e a premência de resposta ditadas pelo espírito do tempo, tinham já que estar formadas, sendo, em parte, fruto do contexto de discussão disciplinar aqui abordado.

Palavras-chave: Cidade; Arquitectura; Debate; Portugal; Revolução; Morfologia.

¹ ruisecoc@gmail.com.

A revolução não será televisada mas sim ao vivo, proclamava em 1971 Gil Scott-Heron², trazendo para o registo musical um *slogan* das manifestações de protesto dos negros norte americanos. Esse momento, marcante para a música urbana de intervenção³, estabelecia um protesto contra a cultura de massas e a sua base mercantilista, criticando a transmissão indiferente de imagens, que mostrava a realidade e os problemas sociais entre anúncios, avisos sobre o tempo, enredos de ficção ligeira ou destaques de informação, aplanando a sua importância e retirando-lhes significado.

A revolução seria ao vivo.

Três anos mais tarde, em Portugal, a revolução vivia-se efectivamente nas ruas, mas era ao mesmo tempo fortemente mediatizada, em parte contrariando este postulado. Transmitida para grande parte do mundo, em directo ou em diferido, documentada na imprensa e registada em filme, despertava interesse pelas possibilidades que criava, concentrando atenções enquanto peça do tabuleiro geopolítico da guerra fria.

As revoluções não se faziam mais apenas na rua, mas também através dos media. A mediatização, através da imprensa mas sobretudo através das imagens em movimento, não deixaria de ganhar influência social e importância política, da guerra do Vietname à queda do muro de Berlim, da disputa pelas Malvinas ao 11 de setembro e à escalada do terrorismo.

No período revolucionário, essa visibilidade mediática seria marcante para Portugal, as imagens das armas e das flores, dos soldados e das crianças, registando a passagem a um tempo novo, um dia inicial inteiro e limpo⁴, em que todos os futuros estavam em aberto.

Um tempo em que para além da poesia, também a arquitectura estava na rua.

Cortando o curso do tempo de antes, um grande envolvimento social procurava suprir as privações de um país atrasado, através do fim da guerra colonial, da realização de campanhas de alfabetização e de acção cultural ou, no campo da arquitectura, do envolvimento directo com a população para criar cidade e habitação, interrompendo o funcionamento das escolas de arquitectura, das revistas disciplinares e dos ateliers.

Também a arquitectura se fazia ao vivo.

O momento zero

E também a arquitectura seria mediatizada.

O protagonismo adquirido pelo contexto pós-revolucionário convertia-se igualmente na conquista da atenção disciplinar, sendo o exemplo mais marcante a publicação pela revista *L'Architecture d'Aujourd'hui*, uma das

² “You will not be able to stay home, brother (...) The revolution will put you in the driver’s seat, The revolution will not be televised, will not be televised, The revolution will be no re-run brothers, The revolution will be live”, início e final da música. SCOTT-HERON, Gil (1971), “The revolution will not be televised”, [tema musical], in “Pieces of a man” [registo audio LP]. Flying Dutchman. New York.

³ O impacto do tema levou Scott-Heron a ser comumente referido como inspiração para o hip-hop e padrinho do rap (a título de exemplo, refira-se Paul Lester, que assim se lhe refere num artigo em que descreve como The revolution will not be televised tocava na praça Tahrir durante a tentativa de derrube do governo de Hosni Mubarak: LESTER, Paul (2015), Gil Scott Heron: the revolution lives on, (Online) available at: <https://www.theguardian.com/music/2015/aug/26/gil-scott-heron-the-revolution-will-not-be-televised>, ou Laura Donnelly, aquando do falecimento do cantor: Donnelly, Laura (2011), Gil Scott-Heron, the 'Godfather of Rap' behind The Revolution Will Not Be Televised, dies, (Online) available at: <http://www.telegraph.co.uk/culture/music/rockandjazzmusic/8543417/Gil-Scott-Heron-the-Godfather-of-Rap-behind-The-Revolution-Will-Not-Be-Televised-dies.html>.)

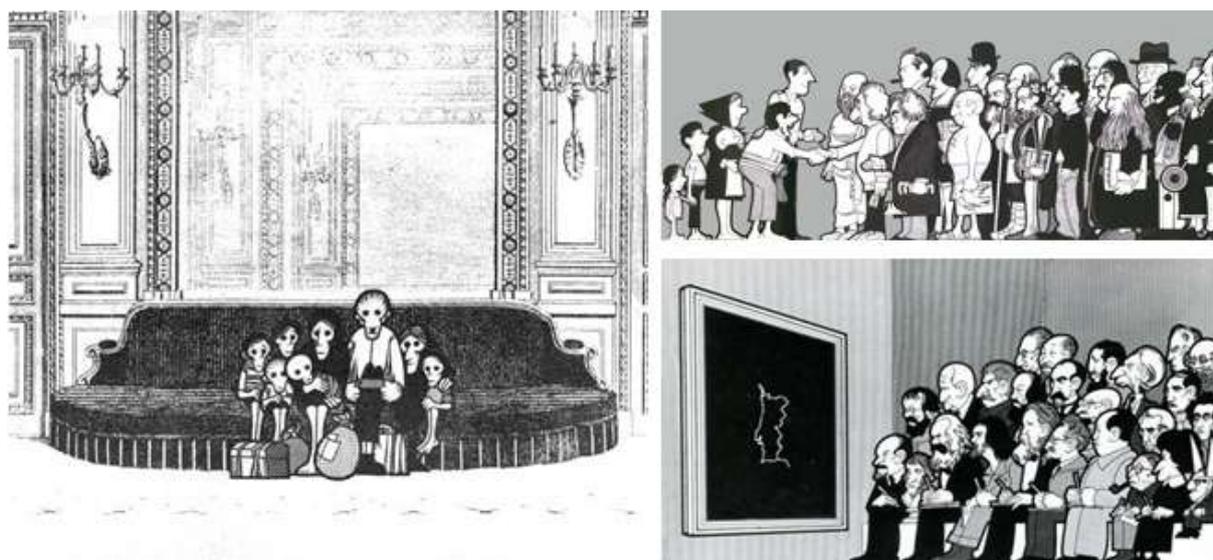
⁴ “O dia inicial inteiro e limpo”, nas tocantes palavras de Sophia de Mello Breyner no poema intitulado 25 de Abril: ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, (1974), “25 de Abril”, in “O Nome das Coisas”, Moraes Editores, Lisboa.

principais referências internacionais na época, de um número dedicado ao recomeço do país no pós-25 de abril, intitulado ‘Portugal an II’, o segundo ano depois desse momento zero⁵.

Este dossier temático apresentava uma abordagem que contrapunha autores portugueses, alguns já com um papel activo no debate crítico, à perspectiva a partir do exterior de alguns dos mais influentes críticos do momento. Assim, podemos encontrar José Augusto França, Manuel Vicente, Carlos Duarte, Duarte Cabral de Mello, Nuno Portas, Nuno Teotónio, Gonçalo Byrne e Raúl Hestnes, e também Bernard Huet, Vittorio Gregotti e Oriol Bohigas. Entre o passado sob a ditadura e as experiências recentes em liberdade, eram sucessivamente apresentados diversos períodos de análise, enquadrando a evolução da arquitectura portuguesa e o contexto em que se desenvolveu. Eram depois exploradas linhas de trabalho pessoais de alguns arquitectos – Nuno Teotónio e João Paciência, Vítor Figueiredo e Álvaro Siza – e desenvolvidas reflexões sobre a prática da arquitectura, o seu papel no 25 de abril e o programa SAAL, a fuga ao sistema instituído, que colocava os arquitectos directamente em contacto com os habitantes numa procura comum de soluções para o problema de falta de habitação e de cidade.

Como culminar de toda a análise, era publicado um debate sobre o SAAL, os arquitectos e o seu futuro, entre diversos participantes e Bernard Huet, enquanto ilustrações de João Abel Manta comunicavam expressivamente aspectos da situação política e social.

Figura 1. Aspectos da situação política e social.



Fonte: Ilustrações de João Abel Manta, João Abel Manta, publicadas na *L'Architecture d'Aujourd'hui* n° 185.

A súmula da *L'Architecture d'Aujourd'hui* sobre os dois anos do novo Portugal, não sendo caso único⁶, constituiu um ponto importante na mudança do debate sobre a arquitectura e a cidade portuguesas, estabelecendo uma reflexão de síntese, que transmite a percepção de um ciclo que termina, e simultaneamente lançando a sua internacionalização, que ganharia máxima expressão no protagonismo que viria a adquirir posteriormente Álvaro Siza.

Na realidade, os autores apresentados faziam já parte do universo publicado no país anteriormente, alguns deles, como Carlos Duarte e Nuno Portas, ligados ao grupo que tinha tomado a dianteira do debate e da divulgação na

⁵ “Portugal an II”, dossier temático na revista *L'Architecture d'Aujourd'hui* n° 185, de maio-junho de 1976.

⁶ A título de exemplo, nesse mesmo ano e também em França, Christian Topalov publicava “La politique du logement dans le processus révolutionnaire português (25 avril 1974 – 11 mars 1975)” na revista *Espaces et Sociétés* n°s 17-18.

revista *Arquitectura* desde o final dos anos 1950. No decurso do período revolucionário, sobretudo com o programa SAAL, tinham tido a oportunidade de colocar as suas experiências e conhecimentos ao serviço das populações carenciadas, procurando contribuir para a construção de uma sociedade renovada.

Um mundo recomeçado a partir da praia pura

Era o tempo de participar e de fazer, mais do que de reflectir.

No campo do debate disciplinar, as implicações eram díspares. A revista *Arquitectura*, que pode ser apontada como a principal referência na época, esmorecia e logo em junho de 1974 cessava mesmo a publicação, com apenas dois números editados depois do 25 de abril. Por outro lado, a *Binário*, mantinha a sua actividade regular, de modo quase impassível.

Carlos Duarte, no editorial da primeira *Arquitectura* após a revolução, expressa a “esperança no mundo que vamos construir”, para o qual seria necessário um “esforço sem precedentes (...) de mudança radical do quadro anquilosado e doentio em que nos temos movido” e refere uma mensagem enviada pelo Sindicato dos Arquitectos à Junta de Salvação Nacional em que se propõem a “lutar pelo direito à habitação, combater a especulação fundiária e imobiliária, contribuir para a definição de uma política de solos e habitação”⁷, preocupações que resumem os principais pontos de mobilização dos arquitectos, para além do desempenho da sua actividade criadora.

A poesia de Sophia de Mello Breyner expressa bem o espírito da época, a convicção num “mundo recomeçado a partir da praia pura, como poema a partir da página em branco”⁸.

Nesse recomeço, também os arquitectos se propunham a tomar parte.

No entanto, sobressai uma diferença. Sophia diz que o poema não se programa, é regrado por uma disciplina própria. A arquitectura e a cidade, por oposição, são uma criação simultaneamente individual e colectiva, estruturando-se em torno de um mundo existente. São transformação de uma realidade.

Para a prática dos arquitectos, as realizações configuram parte de um todo em evolução, e necessitam de linhas de continuidade e conjugação.

Numa Europa já reconstruída da guerra, questionava-se a cidade produzida e contestavam se os modelos que tinham suportado o desenvolvimento urbano das últimas décadas, num debate marcado pela crítica, sem que fossem desenvolvidas novas propostas. O momento não era já de realizar, e a própria discussão mudava de perspectiva, passando de manifestos e programas propositivos para um âmbito analítico, de observação e reflexão sobre as existências⁹.

Sem a premência de desenvolver novos modelos e propostas, a discussão tornava-se menos orientada para a produção, alargava-se e abria-se a outras áreas do conhecimento, envolvendo uma base socialmente menos restrita.

⁷ Editorial da revista *Arquitectura* n.º 130, de maio de 1974, assinado por Carlos Duarte, director a partir do mês de abril, contando com José Saramago como chefe de redacção.

⁸ Poemas citados: Revolução - Descobrimento - “Revolução isto é: descobrimento/ Mundo recomeçado a partir da praia pura/ Como poema a partir da página em branco (...)” e Liberdade - “Um poema não se programa/ Porém a disciplina/ — Sílabas por sílabas — / O acompanha/ (...)— Como se os deuses o dessem/ O fazemos”. (ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, (1974), “O Nome das Coisas”, Moraes Editores, Lisboa.

⁹ O modernismo tinha sido marcado por textos programáticos e propositivos, dos escritos de Le Corbusier à Carta de Atenas, e desde a viragem para a década de 1960 tinham vindo a ganhar expressão obras de observação e análise, de Christopher Alexander a Robert Venturi, de Aldo Rossi a Kevin Lynch, para citar apenas alguns textos directamente relacionados com a análise física das estruturas e do espaço.

No nosso momento zero, porém, “esperar tantos anos torna[va] tudo mais urgente”, parafraseando Sérgio Godinho num tema então em voga¹⁰. Ante a necessidade esmagadora de construir de imediato, eram necessárias referências para a criação de espaço urbano, o tempo não se compadecendo com o desenvolvimento de novas teorias de organização do espaço ou com o florescer do debate direccionado para a idealização urbanística.

Nesse sentido, as propostas que os arquitectos tinham em mãos eram trabalhadas em função das suas próprias referências, ancoradas na sua cultura e informação e na sua prática profissional anterior. Eram essas as ferramentas de que se socorriam para desenvolver os seus projectos.

Uma observação do conjunto da obra produzida pelo programa SAAL é demonstrativa da diversidade de abordagens, que pode ser interpretada como falta de coerência mas também como uma combinação entre os diferentes contextos de cada uma das operações, a interacção com os destinatários e a sensibilidade dos autores.

Antes do momento zero, da oportunidade real de acção proporcionada pela revolução, o modo como se debatia contribuía para a preparação desse futuro.

Importa, nesse sentido, perceber o contexto em que se desenrolava o debate, sobretudo a partir dos títulos periódicos, as revistas *Arquitectura* e *Binário*, centrais na discussão e divulgação de conhecimento.

Com uma corda atada ao pé

A revista *Arquitectura* vinha a aprofundar a sua vertente teórica desde o final da década de 1950, com a sua terceira série, afastando-se da inventariação de obras e projectos para abarcar temáticas diversas sobre a arquitectura, a história e a sociedade, dentro dos limites impostos pela censura¹¹.

Continuando a ser publicados e discutidos projectos, a sua escolha demonstrava uma linha evidente, tanto no que se refere a autores como a tendências, no sentido da valorização do neo-realismo mediterrânico e do organicismo, enquanto é apresentada uma novíssima geração do movimento moderno¹². O bloco das Águas Livres, de Nuno Teotónio Pereira, moradias de Vítor Figueiredo e Manuel Tainha, o bairro da Chamusca de Bartolomeu Costa Cabral, a Casa de Chá de Álvaro Siza, o pavilhão de ténis da Quinta da Conceição, de Fernando Távora, o conjunto da Federação das Caixas de Previdência do Funchal de Chorão Ramalho ou alguns projectos para Olivais Norte são exemplos de obras apresentadas entre 1959 e 1965, com grande sentido de actualidade, que eram no contexto internacional acompanhadas por outras de autores como James Stirling, Hans Scharoun, Leonardo Benevolo, Alvar Aalto, Josep Antoni Coderch ou Martorell, Bohigas e Mackay. É no entanto de salientar a publicação pela revista de obras de carácter menos próximo destas orientações, de que são exemplo obras de Maurício Vasconcelos, Formosinho Sanchez, Pires Martins e Palma de Melo, Carlos Manuel Ramos, João Andresen, Victor Palla e Bento d’Almeida, bem como no plano internacional a moderna arquitectura brasileira e a obra de Le Corbusier, destacada no momento do seu falecimento.

Os sentidos de evolução do modernismo são uma preocupação expressa por Nuno Portas, que desenvolve a ideia de que a modernidade arquitectónica e urbanística se autonomiza do vocabulário empregue no projecto, sendo

¹⁰ Sérgio Godinho (1974). *Liberdade* (tema musical).

¹¹ Carlos Duarte afirma terem sido frequentes os cortes feitos pela censura em textos referentes “a problemas da habitação social, do ensino e na série de entrevistas” (editorial da revista *Arquitectura* n.º 130, de maio de 1974). A terceira série da revista *Arquitectura* tem início em 1957.

¹² É Nuno Portas quem promove a discussão sobre o conteúdo e significado do espírito moderno, a partir das obras de uma novíssima geração, elegendo-a como uma das preocupações centrais da revista, manifestando preocupação ante a “encruzilhada de caminhos” de desenvolvimento do modernismo, que impossibilitaria a “procura comum de uma síntese” a nível internacional e intergeracional. Em Portugal, afirma pretender lançar o diálogo, a partir do trabalho da geração formada “em plena revisão do conceito de modernidade” e assinala nesse contexto o papel da Escola do Porto (Portas, N., 1959), “A responsabilidade de uma novíssima geração no movimento moderno em Portugal”, *Arquitectura* n.º 66, dezembro, pp. 13-14).

“possível e necessário“ defini-la no plano da metodologia, “no modo de conexão do acto criador com os processos de conhecimento da realidade”¹³.

As abordagens críticas e teóricas desenvolvidas na revista são abrangentes, extravasando o âmbito da arquitectura para abarcar os domínios da teoria, da história, da sociologia, da semiologia, do planeamento, da paisagem, do património, da habitação social, da construção, dos congressos, da organização dos arquitectos e do seu papel social.

No que respeita à cidade, demonstra grande actualidade a publicação de artigos como “Uma Cidade não é uma Árvore”, de Christopher Alexander, “Sociologia da Habitação, métodos e perspectiva de investigação”, de Paul Chombart de Lauwe, “Semiologia e Urbanística” de Roland Barthes e “A paisagem e a obra do homem” de Christian Norberg-Schulz.

Apesar das dificuldades com a censura, os temas prementes da situação do país vão sendo introduzidos e aprofundados: a sublocação de fogos, a evolução do problema da habitação, a reivindicação de uma política de habitação, o desenvolvimento de habitação social e o seu modo de financiamento, os Planos de Fomento, os bairros clandestinos, e mesmo as consequências dramáticas das inundações de 1967 na região de Lisboa, que o regime em grande parte silenciou e que revelavam o problema escamoteado das construções precárias que grassavam nas maiores áreas urbanas.

De facto, verifica-se uma dicotomia de abordagens, entre uma aproximação concreta aos problemas da actualidade verificados no país, nos planos social, da arquitectura e da cidade, e um olhar mais distanciado ante a cidade do futuro e de contextos menos próximos, tanto geograficamente como a nível de desenvolvimento. O Habitat 67, os Archigram e o mundo do futuro, projectos de grande escala, próximos do metabolismo, para diversas latitudes, do médio oriente à Ásia ou aos Estados Unidos, a nova dimensão e o urbanismo espacial, são apresentados múltiplas vezes, normalmente de forma sumária, mas mostrando uma das vertentes marcantes da arquitectura na década de 1960: o afastamento das visões mais utópicas relativamente à possibilidade de realização, num processo de idealização progressivamente mais abstracto, que se afasta da resolução dos problemas do presente e se identifica com os domínios da ficção tecnológica e científica, para os quais existe uma apetência da sociedade e dos meios de comunicação, em plena era da corrida ao espaço.

Claramente em contraste é publicado o artigo de Coderch « Não é de génios que precisamos agora »¹⁴, solicitando aos arquitectos que não pensassem tanto em cidades para o ano 2000 e que trabalhassem com uma corda atada ao pé, para não se afastarem da terra em que têm raízes. Uma aproximação concreta, reflectida na apresentação de planos em realização para diferentes zonas do país – Plano Director da Península de Setúbal, Plano Subregional de Armação de Pêra, Plano da Aldeia do Vau, Plano de Vilamoura, Planos de Olivais e de Chelas, Plano do Centro de Aveiro – e na constatação de experiências de planeamento de países próximos, como Inglaterra, França e Espanha.

Paralelamente, diversos artigos abordam temas relacionados com a cidade, como o automóvel e o trânsito, os equipamentos, a paisagem e a imagem da cidade, a arte urbana, os bairros antigos, os estudos históricos e patrimoniais e os estudos sobre arquitectura evolutiva.

Estas aproximações, realizadas de modo não sistemático e no quadro de uma vasta e prolífica edição, marcada por domínios muito diversificados, não estabelecem a cidade como uma questão dominante na *Arquitectura*.

O papel social do arquitecto e a divisão entre os pequenos gabinetes e as grandes estruturas, associadas ao desenvolvimento do mercado imobiliário no período marcelista, estão entre os temas fracturantes, colocando dificuldades no momento em que a classe se procura organizar colectivamente. Importantes são também as questões relacionadas com as metodologias de projecto, a sistematização e industrialização da produção, o controle de custos e a rentabilização de recursos, de áreas, sistemas de distribuição e processos de construção.

¹³ Nuno Portas, Op. Cit.

¹⁴ Josep Antoni Coderch (1961), “No son genios lo que necesitamos ahora”, *Arquitectura* nº 73, dezembro, pp. 3-4. (Publicado em castelhano na revista).

A questão da habitação para o maior número, a resposta ambicionada a um problema social emergente de grande carência, era justificadamente crucial.

Contrariamente à irregular periodicidade da *Arquitectura*, a revista *Binário* distingue-se pela sua edição certa e constante, que começa em 1958¹⁵, exceptuando-se um interregno entre janeiro e agosto de 1959, a que corresponde uma mudança da direcção, que deixa de ser dos irmãos Manuel Taíña (arquitecto) e Jovito Taíña (engenheiro), passando a ser do engenheiro Aníbal Vieira.

Desde o início, declara pretender constituir um espaço de informação sobre todos os domínios relacionados com a construção, encarada de forma unitária, da escala do objecto à do edifício ou da via de comunicação, cruzando especializações¹⁶, e desenvolve uma linha editorial ecléctica. Ilustrativamente, no que respeita à arquitectura, pode referir-se a publicação dos grandes conjuntos lisboetas da segunda geração modernista - av. Infante Santo, av. EUA -, o hotel Ritz e a Biblioteca Nacional de Pardal Monteiro, obras de Rodrigues Lima, a reconstrução de Le Havre por Auguste Perret, a casa de Eduardo Anahory na Arrábida, a moderna arquitectura brasileira, La Tourette e a unidade de habitação para Berlim de Le Corbusier, o bairro Hansaviertel e obras de Minoru Yamasaki, mas também trabalhos de Buckminster Fuller, James Stirling, Atelier 5, Gio Ponti ou o plano de Kenzo Tange para a baía de Tóquio.

Esse eclectismo manifesta-se também nos temas abordados, abarcando desde os materiais de construção à acústica, ao cálculo estrutural, ao design, à arquitectura, ao urbanismo ou às infraestruturas.

Não pretendendo declaradamente construir um discurso global de síntese sobre a cidade, vai na realidade também publicando vários artigos com relevância sobre o meio urbano e a sua transformação, de que são exemplo a infra estruturação urbana através da rede de metropolitano de Lisboa e das pontes sobre o Tejo em Lisboa (que a *Arquitectura* também publica) e da Arrábida no Porto, a construção da cidade universitária de Lisboa, o Plano Director para a mesma cidade ou as análises da evolução de Coimbra e Porto¹⁷, tal como as tendências de criação de ruas pedonais, estacionamento subterrâneos, centros comerciais e hipermercados.

São também de assinalar textos de âmbito muito díspar mas com interesse disciplinar, sobre, por exemplo, as novas cidades inglesas (por Rafael Botelho) e francesas, sobre o plano de Brasília, sobre a “evolução histórica do conceito de cidade” (por José Huertas Lobo), sobre as primeiras ideias para La Defense (texto de Robert Auzelle), sobre o ensino do urbanismo (Almeida Garrett), o zonamento, a Carta de Atenas ou o futuro das nossas cidades (por Constantinos Dioxiadis).

Por entre a diversidade de temas, autores, projectos, arquitectos, desenvolvimentos teóricos e acompanhamento da actualidade, a *Binário* desenvolve praticamente duas décadas de actividade editorial, passando da ditadura para a democracia quase sem assinalar as mudanças profundas que se verificam na sociedade, até fevereiro de 1975, momento em que publica uma comunicação do Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo, Nuno Portas, sobre a definição de uma nova política urbana, baseada na “mobilização popular dos mal alojados”, provocando “pressão sobre o aparelho burocrático da administração”, de modo a evitar a retirada das zonas centrais das cidades, e utilizando tecnologias de construção alternativas ao “sector industrial anteriormente privilegiado”, que dariam lugar a “formas de arquitectura urbana, a tipologias de habitação e a imagens do espaço urbano em nada semelhantes aos novos conjuntos residenciais dos países mais desenvolvidos”.¹⁸

¹⁵ A revista *Binário* foi publicada entre abril de 1958 e maio de 1977, com 216 números editados, incluindo alguns duplos. Com uma periodicidade mensal, parou a actividade ao décimo número (janeiro de 1959), retomando passado meio ano (agosto), com a nova direcção.

¹⁶ Editorial do primeiro número da *Binário*, de abril de 1958.

¹⁷ A cidade do Porto é dedicado um número monográfico com textos de diversos autores (AAVV (1960), “Porto, estudos e realizações”, in *Binário* n.º 26 (1960), novembro, pp. 361-406, Lisboa); sobre Coimbra é publicado sucessivamente um texto de Carlos de Almeida em números sucessivos (Carlos de Almeida, 1960), “Um problema premente: a urbanização de Coimbra”, in *Binário* n.ºs 24, 25, 27, 28, setembro, outubro, dezembro, janeiro, Lisboa).

¹⁸ A comunicação de Nuno Portas é dirigida à 1ª reunião preparatória da Conferência das Nações Unidas sobre os estabelecimentos humanos (Habitat), agendada para Vancouver no ano seguinte (Portas, Nuno (1975), “Uma nova política urbana”, in *Binário* n.º 197, fevereiro, pp. 60-62, Lisboa).

A página em branco no estirador

É ainda Portas, no mesmo texto, que coloca “o problema da viabilidade da reprodução das soluções e da sua avaliação pelas massas”, ao assinalar a resistência da classe técnica para romper com os modelos cristalizados¹⁹, posição que reflecte a sua aproximação às experiências sul-americanas de produção de habitação, frequentemente recorrendo à auto-construção, e a sua identificação com as soluções de arquitectura evolutiva. Estas metodologias seriam no entanto, ainda durante o programa SAAL, objecto de resistência no norte do país, e em Lisboa de difícil ajustamento à maior densificação requerida pelas operações, pelo que não teriam a aplicação generalizada que o seu mentor esperaria, excepção feita a algumas experiências do SAAL no sul do país e, posteriormente, aos casos bem conhecidos do bairro do Zambujal, de Francisco Silva Dias, e da Malagueira, de Álvaro Siza.

A enunciação da assunção da forma urbana como resultado do próprio processo, ao contrário da inspiração em modelos cristalizados, não espelha porém a evidência da indisponibilidade de modelos de referência, depois da constatação já aberta e generalizada à cidade modernista.

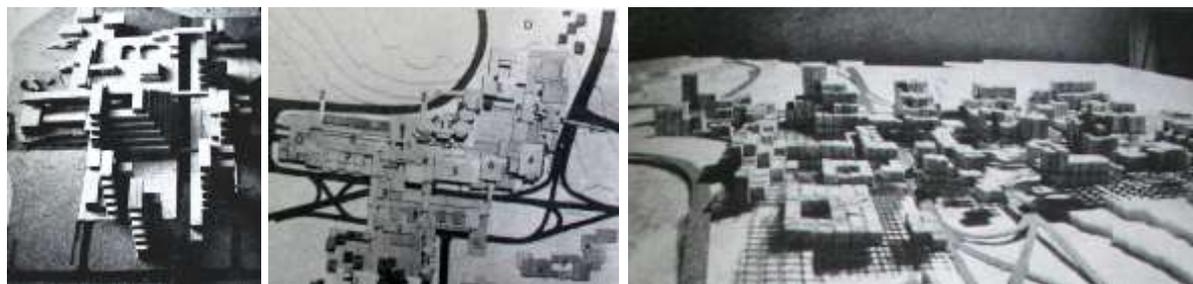
É também essa a leitura que se pode inferir da análise das publicações realizada. À diversidade de abordagens teóricas contrapõem-se exemplos excessivamente longínquos ou demasiado específicos, como função de contexto determinado.

Não estavam já disponíveis modelos para a cidade.

Nesse sentido, é curiosa a apresentação na revista *Arquitectura*, precisamente pela mão de Nuno Portas, no verão de 1968, de trabalhos desenvolvidos por alunos do curso de arquitectura da Escola de Belas-Artes de Lisboa, com o programa ‘Ideias para a zona central de Olivais’, já que constituem uma possibilidade de aferição do tipo de solução valorizada, face à ausência de outras referências próximas²⁰.

Os projectos apresentados demonstravam uma coerência assinalável, tanto no que se refere à estruturação e organização como à linguagem, podendo referenciar-se àquilo que dois anos mais tarde Luís Cunha designaria como arquitectura celular e megaestruturas urbanísticas²¹, em que uma profusão de elementos e volumes justapostos remete para concepções internacionais da época, de que o Habitat 67 constituiria a alusão mais evidente.

Figura 2. Trabalhos seleccionados de alunos da EBAL, ‘Ideias para a zona central de Olivais’.



Fonte: Revista *Arquitectura* n.º103.

¹⁹ Nuno Portas, Op. Cit.

²⁰ “Ideias para a zona central de Olivais, Lisboa: trabalhos de alunos da Escola de Belas-Artes de Lisboa no ano lectivo 1966-67”, publicado na *Arquitectura* n.º 103, de maio-junho de 1968, correspondendo à apresentação de trabalhos de alunos desenvolvidos sob a orientação dos docentes Nuno Portas e Carlos Manuel Ramos.

²¹ Luís Unha (1970), “Reflexões sobre as megaestruturas urbanísticas e a Arquitectura celular”, *Binário* n.º 147, dezembro, pp. 264-265, Lisboa.

Este é um caso invulgar de apresentação de propostas no âmbito da discussão disciplinar, de exposição de soluções, uma excepção num contexto dominado pela análise crítica, a que raramente corresponde o desenvolvimento de ideias propositivas materializadas em espaço e forma.

Para o arquitecto que participava na revolução ao vivo, habitando a substância do tempo, a premência da resposta fazia-se no campo descoberto da ausência de referências comuns, de possibilidades de sincronização. Criar cidade era necessariamente uma dificuldade.

O dossier 'Portugal an II' reflecte essa evidência, ao assinalar percursos individuais de autores que pensam a arquitectura e a cidade de um modo pessoal, que constroem o seu mundo e as suas referências autonomamente, preenchendo a página em branco no estirador como a poetisa, sílaba por sílaba, linha por linha, fazendo emergir o projecto.

O território urbano na sua generalidade, no entanto, não se viria a desenvolver com o mesmo uso criterioso dos instrumentos, da palavra, da arquitectura.

A cidade lida a partir da escrita

A procura do contexto em que se processava a prática da transformação urbana a partir da leitura dos periódicos da época permite desenvolver algumas reflexões.

A enumeração de artigos relativos à cidade, na realidade publicados ao longo de centenas de números das duas revistas, não traduz uma notoriedade particular do tema, quer no caso da *Arquitectura* quer da *Binário*. Outros temas obtêm um maior destaque, para além da óbvia apresentação de projectos e obras construídas, como as questões relativas à rentabilização de recursos e à industrialização da produção, ou seja, a resposta ao problema de escassez de habitação que esmagava a sociedade portuguesa.

Quanto ao espaço urbano e à sua forma, constata-se a inexistência de uma discussão sistemática, ou sequer recorrente, aspecto ainda mais evidente no que respeita à criação de referências formais e de organização que pudessem ancorar o desenvolvimento urbano então tão necessário no país. Esta escassez é em si mesma um aspecto relevante na definição do contexto da transformação urbana.

A constatação da ausência de uma discussão alargada que balizasse a prática, face à indisponibilidade de modelos estáveis ou de fácil aplicação para o desenho da cidade, reforça a importância dos trajectos individuais, da aquisição pessoal de referências e de desenvolvimento de soluções operativas. O entendimento destes percursos constitui assim um importante tema para uma melhor compreensão da transfiguração da cidade portuguesa.

BIBLIOGRAFÍA

AA.VV. (1976), "Portugal an II", *L'Architecture d'Aujourd'hui* nº 185, pp. 2-8, maio-junho, Paris.

AA.VV. (1960), "Brasília, capital do futuro", *Binário* nº 22, pp. 222-254, julho, Lisboa.

AA.VV. (1960), "Porto, estudos e realizações", *Binário* nº 26, pp. 361-406, novembro, Lisboa.

Alexander, C. (1ª ed. 1965), "Uma cidade não é uma árvore", *Arquitectura* nº 95, pp. 22-29, janeiro-fevereiro 1967, Lisboa.

- Almeida, C. (1960), “Um problema premente: a urbanização de Coimbra”, *Binário* n.ºs 24,25,27,28, setembro, outubro, dezembro, janeiro, Lisboa.
- Andresen, S.M.B. (1974), *O nome das coisas*, Moraes Editores, Lisboa.
- Auzelle, R. (1961), “Resumo das ideias expressas”, *Binário* n.º 30, pp. 131-141, março, Lisboa.
- Bandeirinha, J.A. (2007), *O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Bandeirinha, J.A., Sardo, D., Moniz, G. (editores) (2016), *74-14: Saal and architecture*, Edarq Ces Museu de Serralves, Coimbra.
- Baram, M. (2014), *Gil Scott-Heron: pieces of a man*, St. Martin’s Press, New York.
- Barthes, R. (1968), “Semiologia e urbanística”, *Arquitectura* n.ºs 105-106, setembro-dezembro 1968, Lisboa.
- Becker, A., Tostões, A., Wang, W. (organização) (1997), *Arquitectura do Século XX: Portugal*, Prestel, Lisboa.
- Botelho, J.R. (1959), “As novas cidades inglesas”, *Binário* n.º 10, pp. 1-14, janeiro, Lisboa.
- Castells, M., entrevista por Portas, N. (1974), “La question du logement au Portugal démocratique”, *Espaces et Société*, n.ºs 13-14, pp. 199-207, outubro-janeiro, Paris.
- Coderch, J.A. (1961), “No son genios lo que necesitamos ahora”, *Arquitectura* n.º 73, pp. 3-4, dezembro, Lisboa.
- Coelho, E.P., Passos, M.A., Vasconcelos, J.C. (vários anos) Algumas entrevistas a Sophia. Compilação de entrevistas a Sophia de Mello Breyner Andresen. (online) disponíveis em <http://purl.pt/19841/1/1970/1970.html>.
- Correia, N. (2012), “O início da 3.ª série da revista arquitectura em 1957 a influência das leituras de Casabella Continuidade e Architectural Review”, *Revista de História da Arte*, n.º 10, pp. 79-93, IHA-FCSH-UNL, Lisboa.
- Cunha, L. (1970), “Reflexões sobre as megaestruturas urbanísticas e a arquitectura celular”, *Binário* n.º 147, dezembro, pp. 264-265, Lisboa.
- Dioxiadis, C. (1961), “O futuro das nossas cidades”, *Binário* n.º 39, pp. 712-718, dezembro, Lisboa.
- Donnelly, L. (2011), Gil Scott-Heron, the 'godfather of Rap' behind The Revolution Will Not Be Televised, dies, (Online) available at <http://www.telegraph.co.uk/culture/music/rockandjazzmusic/8543417/Gil-Scott-Heron-the-Godfather-of-Rap-behind-The-Revolution-Will-Not-Be-Televised-dies.html>.
- Duarte, C. (1974), “Editorial”, *Arquitectura* n.º 130, p. 1, maio, Lisboa.
- Fernandez, S. (1988), *Percurso: arquitectura portuguesa 1930-1974*, FAUP, Porto.
- Garrett, A.A. (1961), “O ensino do urbanismo”, *Binário* n.º 31, pp. 192-196, abril, Lisboa.
- Godinho, S. (1974), “Liberdade” [tema musical], *À queima-roupa* [registo audio Long Play]. Sasseti. Lisboa.
- Lauwe, P.C. (1960), “Sociologia da habitação, métodos e perspectiva de investigação”, *Arquitectura* n.º 68, pp. 41-50, julho, Lisboa.
- Lester, P. (2015), Gil Scott-Heron: the revolution lives on, (Online) available at <https://www.theguardian.com/music/2015/aug/26/gil-scott-heron-the-revolution-will-not-be-televised>.
- Lobo, J.H. (1960), “Evolução histórica do conceito de cidade”, *Binário* n.º 23, pp. 269-278, agosto, Lisboa.
- Lynch, K. (1ª ed. 1960), *A Imagem da cidade*, Edições 70. Lisboa.

Norberg-Schulz, C. (1968), “A paisagem e a obra do homem”, *Arquitectura* nº 102, pp. 52-58, março-abril, Lisboa.

Portas, N. (1959), “A responsabilidade de uma novíssima geração no movimento moderno em Portugal”, *Arquitectura* nº 66, pp. 13-14, dezembro, Lisboa.

Portas, N. (1968), “Ideias para a zona central de Olivais, Lisboa: trabalhos de alunos da Escola de Belas Artes de Lisboa no ano lectivo 1966-67”, *Arquitectura* nº 103, pp. 110-121, maio-junho, Lisboa.

Portas, N. (1975), “Uma nova política urbana”, *Binário* nº 197, pp. 60-62, fevereiro, Lisboa.

Portas, N., Mendes, M. (1991), *Arquitectura Portuguesa Contemporânea: Anos Sessenta/ Anos Oitenta*, Fundação de Serralves, Porto.

Rossi, A. (1ª ed. 1966), *A Arquitectura da cidade*, Edições Cosmos. Lisboa.

Scott-Heron, G. (1971), “The revolution will not be televised” [tema musical], *Pieces of a man* [registo audio Long Play]. Flying Dutchman. New York.

Topalov, C. (1976), “La politique du logement dans le processus révolutionnaire portugais (25 avril 1974 – 11 mars 1975)”, *Espaces et Sociétés* nºs 17-18, pp. 109-136, março-junho, Paris.

Tostões, A. (coordenação) (2004), *Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970*, IPPAR, Lisboa.

Venturi, R. (1ª ed. 1966), *Complexidade e contradição em arquitetura*, Martins Fontes, São Paulo, 2004.